

Revista da Extensão

Nov 2017 / N° 15

ISSN 2238-0167

Entrevista com

Fernando Delfino de Freitas Fuão

A UFRGS no Projeto Rondon

Laboratório de empreendedorismo na UFRGS: despertando o interesse dos alunos pela cultura empreendedora

As ações de Extensão Universitária na Escola de Governo da Fundação João Pinheiro: avanços e desafios

Sistema de gestão ambiental no SENGE-RS utilizando a ferramenta desenvolvida na UFRGS

Mais dança na escola: apreciação estética e formação

Grupo Viveiros Comunitários: 20 anos em prol da biodiversidade

Resgatando o Patrimônio Musical de Diamantina

Projeto integrado de conscientização infantil nos âmbitos da alimentação, higiene e sustentabilidade

DESTAQUE DO SALÃO DE EXTENSÃO UFRGS 2016

Jogos teatrais e Viewpoints em uma escola municipal de Porto Alegre: a experiência do projeto de extensão Teatro e dança com alunos surdos IV

A Extensão vista de perto

Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul


UFRGS
PROEXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO





Destaque do
Salão de EXTENSÃO UFRGS 2016

Jogos teatrais e Viewpoints em uma escola municipal de Porto Alegre: a experiência do projeto de extensão Teatro e dança com alunos surdos IV

Sergio A. Lulkin: Faculdade de Educação (FACED/UFRGS)

Marcia Berselli: Licenciatura em Teatro (UFSC) e Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (UFRGS)
Acadêmica do Curso de Licenciatura em Teatro (UFRGS); Priscila Lourenzo Jardim



“Teatro e Dança com Alunos Surdos” é um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em parceria com

a Escola Municipal de Ensino Fundamental de Surdos Bilingue Salomão Watnick (Porto Alegre). Em 2016 foi realizada a quarta edição, sob a

coordenação do professor Sergio Lulkin, orientação da professora Marcia Berselli e as bolsistas Priscila Lourenzo Jardim e Cátia Weiler, advindos das áreas do Teatro e da Educação. Nesse mesmo ano o projeto foi destaque nas tertúlias do Salão de Extensão, fato que possibilita ampliar a difusão do trabalho. Tal dimensão também faz parte de um aprendizado acadêmico-científico, com a aproximação de extensão, ensino e pesquisa.

O projeto realiza oficinas de teatro e dança para público de alunos surdos da EMEF Salomão Watnick, semanalmente, com a duração de uma hora. As oficinas, ministradas por estudantes do Curso de Licenciatura em Teatro, são desenvolvidas em ajustamentos entre Português – língua das facilitadoras – e Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) – língua dos alunos.

Em 2013, primeiro ano das oficinas, o objetivo estava centrado no desenvolvimento de práticas cênicas com os alunos, investigando ajustamentos e transformações necessárias aos jogos de teatro que tradicionalmente são desenvolvidos por ouvintes e para ouvintes. Com o seguimento das oficinas nos anos posteriores, a proposta foi ampliada, abarcando práticas de dança, tais como o Contato Improvisação, bem como práticas de registro das atividades pelos próprios alunos surdos. Para tanto, os estudantes foram capacitados no registro em fotografia e vídeo e puderam compor um material visual a partir de seus pontos de vista sobre as práticas cênicas.

Também, no ano de 2015, na terceira edição do projeto, o grupo de pesquisa então formado pelo Dr. Sergio Lulkin, pela facilitadora Marcia Berselli e pelo bolsista aluno do Curso de Design de Produto Jonas Ferrari, em parceria com a Gráfica da UFRGS, desenvolveu o Guia Teatro Flexível, apresentando um material didático criado a partir das atividades realizadas nas oficinas. O guia apresenta propostas para os interessados em desenvolver atividades de teatro e dança com alunos surdos, mas pode ser também utilizado por outras comunidades de interesse.

Por sua vez, na quarta edição do projeto de extensão Teatro e dança com alunos surdos IV, o foco das práticas e da pesquisa esteve centrado na investigação do sistema de improvisação e composição *Viewpoints*. Apesar do foco específico, o trabalho retomou proposições e conteúdos desenvolvidos nos anos anteriores, tais como a investigação de Contato Improvisação e sua relação com jogos teatrais. Dessa forma, os encontros mesclavam exercícios corporais, jogos teatrais e propostas de *Viewpoints*.

O Sistema Viewpoints

Inicialmente, os *Viewpoints* foram desenvolvidos pela bailarina e coreógrafa Mary Overlie e eram apenas seis. Posteriormente, foram adaptados e desenvolvidos para atores pela diretora norte-americana Anne Bogart, juntamente com Tina Landau e os integrantes da *SITI (Saratoga International Theatre Institute) Company*.

Os *Viewpoints* são organizados em físicos, divididos em espaço e tempo, e vocais. Com isso, eles passaram a ser nove: tempo (a velocidade do movimento); duração (tempo de duração de um movimento); resposta *kinestésica* (reação espontânea/instintiva a um movimento exterior ao seu); repetição (a interna quando o jogador repete seu próprio movimento, e a externa quando o jogador repete o movimento de outra pessoa); forma (o contorno ou as linhas que os corpos fazem no espaço); gestos (uma forma com início, meio e fim); relação espacial (as distâncias entre as coisas no espaço); arquitetura (a estrutura que compõe o espaço); e topografia (o trajeto desenhado pelo deslocamento e movimentos dos corpos no espaço). Dessa forma, os *Viewpoints* de espaço são: forma, gestos, relação espacial, arquitetura e topografia; os de tempo são: tempo, duração, resposta *kinestésica* e repetição.

Após um período de instrumentalização com os *Viewpoints*, os participantes passam a realizar composições cênicas que utilizem as



competências desenvolvidas em relação ao corpo no tempo-espaço.

As oficinas

A investigação dos *Viewpoints* com os participantes se deu através da retomada de alguns jogos teatrais que eles já conheciam das oficinas anteriores, como, por exemplo, o “jogo da caminhada com pausa”, “jogo dos três níveis”, “exercício do espelho”, “mestre dos movimentos”, entre outros. A facilitadora da oficina também estava atenta à recepção dos alunos aos exercícios propostos e quais eram as dificuldades, para assim trabalhar com outros exercícios que pudessem auxiliá-los de acordo com os objetivos das propostas. Após certo tempo retomando os exercícios e jogos que o grupo já conhecia, outras propostas passaram a ser desenvolvidas, inserindo aos poucos novos elementos

nos exercícios que eles haviam vivenciado anteriormente. Dessa forma, a “caminhada com pausa”, por exemplo, foi sendo transformada gradualmente na “caminhada com contágio”, proposta vinculada aos *Viewpoints*. Para tanto, primeiro foram inseridas diferentes velocidades, além das pausas, e depois, gradualmente, foram inseridos os níveis e as demais indicações necessárias.

O encontro das oficinas é organizado de uma forma que permitia com que os alunos tivessem o domínio de cada etapa da aula. Dessa forma, a aula segue uma estrutura fixa: inicia com uma conversa sobre o encontro anterior, seguida de uma proposta de massagem/manipulação corporal em círculo, um exercício teatral servindo como aquecimento, um jogo teatral preparando os participantes para a improvisação, e por fim, a improvisação ou composição. No decorrer dos encontros, novos jogos e exercícios foram propostos com o objetivo

de atender as necessidades do grupo, de acordo com as observações da facilitadora às respostas do grupo. Entretanto, também buscamos respeitar o desejo dos alunos quando da sua proposição de exercícios e jogos a partir de seus interesses e afinidades.

Além disso, um dos objetivos da oficina na edição de 2016 foi não só experimentar os *Viewpoints* e os jogos teatrais, como também continuar promovendo que, através das propostas dos encontros, os alunos mais experientes se exercitassem na função de facilitadores, explicando as orientações dos jogos aos colegas com menos experiência.

Troca de conhecimentos: formação de alunos e formação de professores

Fazer parte do projeto de extensão Teatro e dança com alunos surdos IV, proporcionou uma experiência transformadora à acadêmica do Curso de Licenciatura em Teatro mais envolvida com as práticas da oficina. A experiência possibilitou que a aluna se aproximasse de práticas e buscasse estudar conteúdos que até então eram desconhecidos para ela. Ao participar do projeto, a estudante aprofundou seu estudo de LIBRAS, de modo a uma melhor comunicação com os alunos surdos. Na experiência de aprendizagem da LIBRAS, também aprendeu sobre a cultura, a literatura e a comunidade surdas. Por exemplo, teve conhecimento de que, diferente do que imaginava, a LIBRAS não é o português sinalizado e sim a segunda língua oficial do Brasil, com sua própria gramática e estrutura.

Todos os idiomas fazem parte da cultura de uma comunidade, e com a LIBRAS não é diferente. Em contato com os alunos da escola e com os professores surdos da Universidade, juntamente com as experiências trocadas com o grupo de estudos do projeto, a acadêmica pôde tomar conhecimento sobre a literatura, histórias e piadas surdas. Sendo um dispositivo muito utilizado pela comunidade, as piadas surdas estão disponíveis

no *Youtube* e, através delas, os surdos também compartilham suas experiências. Estas e outras narrativas gravadas em vídeo e disponibilizadas em plataformas virtuais são importantes artefatos da cultura surda, nos quais a comunidade reflete sobre o que é ser surdo, sobre a dificuldade que os ouvintes têm de se comunicar com eles por não saberem LIBRAS, entre outros diversos assuntos.

Tendo contato com esses materiais, refletindo sobre a cultura surda a partir de diversos elementos compartilhados pelos alunos da escola, a estudante de licenciatura repensou seus conhecimentos sobre a área do teatro e sobre como as práticas são geralmente desenvolvidas. A maioria dos exercícios de teatro têm as instruções apresentadas durante o seu desenvolvimento. Será que funcionaria se essas instruções fossem apresentadas somente antes e depois do exercício? Afinal, com a aula sendo desenvolvida em LIBRAS, não seria possível seguir dando indicações enquanto os alunos estão movimentando-se pelo espaço. A LIBRAS é uma língua visual-gestual, e é necessário que todos estejam com um bom campo de visão para acompanhar as indicações do facilitador. Como explicar uma noção teatral em uma língua que não se domina completamente e para pessoas que tem vivências diferentes das do facilitador?

Na turma que participava da oficina, havia três alunos que já atuavam no projeto desde a sua primeira edição, em 2013. Com isso, quando do início das atividades da estudante de Teatro em 2016, esses acadêmicos já tinham mais experiências sobre a oficina do que a aluna em questão. Além disso, eles já se exercitavam nos anos anteriores como facilitadores/monitores da aula. Dessa forma, quando conheciam as propostas teatrais que eram apresentadas nos encontros da oficina, esses alunos faziam o exercício de eles mesmos explicarem para seus colegas as regras e indicações das propostas e os auxiliarem durante o jogo. Por exemplo, depois de praticarmos algumas vezes o jogo “Cinto de Segurança”, um dos alunos-monitores explicou para os demais

as instruções do jogo a partir da sua própria experiência e, ainda, com o domínio da LIBRAS. Dessa forma, os seus colegas entenderam melhor o jogo e se mostraram mais engajados durante o exercício. Entretanto, durante a execução do jogo, notou-se que um aluno ainda demonstrava dificuldade. Então, outro monitor explicou a proposta direta e calmamente ao seu colega. Ao perceber a situação, outra aluna ajudou o colega a demonstrar um exemplo do jogo e, através desse auxílio, todos conseguiram entender de forma clara a proposta do jogo.

Através disso, os alunos-monitores se apropriaram das formas de ensinar, ganhando visibilidade por suas experiências prévias e assumindo o protagonismo na condição de facilitadores no momento em que explicavam as propostas para os seus colegas em LIBRAS. Com o domínio da língua e dotados dos modos particulares de comunicação próprios da idade do grupo de alunos, e com a supervisão e acompanhamento da acadêmica facilitadora das oficinas, os alunos-monitores se apropriavam do jogo teatral, que passava a não ser mais um jogo de ouvintes para ouvintes, mas era transformado a partir da própria experiência em um jogo teatral de surdos. Além disso, tanto os alunos quanto os monitores experienciaram os *Viewpoints* e, ao longo da oficina, percebeu-se que até os mais tímidos e com maiores dificuldades de expressão e comunicação estavam mais participativos e confiantes durante as aulas. Percebeu-se também que eles desenvolveram maior autonomia e confiança para indicar o interesse no desenvolvimento de determinada proposta teatral ou mostrar cenas e imitações que os interessavam e as quais eles desejavam compartilhar com a facilitadora e demais colegas.

Dessa forma, podemos perceber que o projeto “Teatro e dança com alunos surdos IV” foi uma troca de conhecimentos entre a estudante de Licenciatura em Teatro e os alunos da EMEF de Surdos Bilíngue Salomão Watnick. No desenvolvimento de conhecimentos e saberes acerca

do fazer teatral, a experiência transformou a formação dos dois núcleos envolvidos: os alunos da escola. E a graduanda, que pôde repensar os conhecimentos aprendidos na Universidade em contato com os alunos surdos através da experiência teatral compartilhada no espaço escolar. Esse parece ser um dos aspectos de destaque da Extensão, a oportunidade dos espaços se inter-relacionarem, dos saberes de grupos diversos se encontrarem, potencializando as experiências formativas e promovendo o contato tão necessário entre universidade e comunidade. ◀